

Apresentação do dossiê

Sociologia e Moral

RAQUEL WEISS*

Para Massimo Rosati - *In memoriam*

A

relação entre moral e sociologia é, a um só tempo, implícita e explícita, nova e antiga, mas sempre inextrincável. Apesar das muitas definições possíveis do conceito, “moral” refere-se, em sentido bastante abrangente, à dimensão prática da vida humana, à esfera da ação, conquanto esta se oriente por princípios que dividem as coisas entre bem e mal, bom e ruim, certo e errado, justo e injusto. Desse modo, é possível perceber que a moral é algo indissociável da vida coletiva, independentemente de como seja definida, fundamentada ou explicada em termos de sua gênese. Afinal, os princípios morais orientam a vida dos indivíduos, o que, por sua vez, exerce um impacto sobre a vida em grupo. Por outro lado, diferentes configurações sociais criam ou validam diferentes princípios morais com diferentes consequências sobre a vida dos indivíduos.

Além dessa relação mais genérica, há um vínculo mais específico, na medida em que a moral se faz presente enquanto objeto de uma área específica da sociologia, e que remonta às origens da própria disciplina,

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

sendo particularmente central nas discussões de Weber sobre os valores e no projeto de Durkheim de constituir uma “sociologia da moral”. Contudo, nas décadas que sucederam esse momento fundacional da Sociologia, a moral deixou de ser considerada um objeto de investigação, ainda que tenha permanecido como uma problemática constante, ao menos enquanto um elemento central dos debates acerca da ideia de neutralidade axiológica e em qualquer discussão sobre a atuação prático-política por parte dos sociólogos. As razões para esse movimento são múltiplas, e alguns dos artigos deste dossiê apresentam diferentes e interessantes explicações para esse fato, que conduzem a um mesmo diagnóstico sobre o presente: o de que a moral aos poucos retorna ao centro do debate sociológico, um retorno necessário, urgente e plural.

Trata-se de um movimento que emerge em diversos países e em diferentes tradições sociológicas, e pode ser evidenciado pela fundação de centros de pesquisa voltados a essa temática, como o *Centre de Recherche Sens, Éthique, Société*, na Université Paris V, criada em 1995, a seção *Altruism, Morality and Social Solidarity*, da *American Sociological Association*, que surgiu em 2011, bem como obras individuais ou coletivas com intuito de fundar a área, estabelecer seu campo de investigação ou, ainda, trazer problematizações específicas sobre o tema (PHARO, 2004; JEFFRIES, 2014; HITLIN e VAISEY, 2010; FASSIN e LÉZÉ, 2013; ABEND, 2008). No Brasil, a área começa a consolidar-se com a criação do GT Antropologia e Sociologia da Moral na ANPOCS, coordenado por Alexandre Werneck e Patrice Schuch, que propõe a discussão de perspectivas teóricas e de trabalhos empíricos sobre o tema, bem como a publicação de autores brasileiros sobre a temática de forma direta (OLIVEIRA e WERNECK, 2014; WERNECK, 2012; WEISS, 2012; WEISS e PERES, 2014; BRITO, 2013).

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>

Esse ressurgimento da moral enquanto tema sociológico possui algumas diferenças importantes em relação ao momento inicial. Duas das mais importantes dizem respeito, por um lado, ao reconhecimento e aceitação de uma pluralidade teórica e de uma diversidade de níveis de análise e de temáticas dentro do campo sociológico. Por outro, são pautadas pelo reconhecimento da necessidade de uma perspectiva interdisciplinar, de modo a contemplar a moral como um fenômeno complexo, cuja compreensão demanda levar em consideração as discussões travadas por diversas áreas do conhecimento, desde a filosofia até as neurociências. Evidentemente, esse duplo movimento de reconhecimento da diversidade teórica e da interdisciplinaridade não se dá sem disputas e enfrentamentos, conferindo uma dinâmica de vital importância para os esforços coletivos de tentar compreender e discutir o fenômeno moral em seus diversos aspectos.

O primeiro ponto controverso diz respeito à própria definição do conceito: o que devemos entender como sendo moral? Qualquer resposta a essa pergunta está necessariamente fundada sobre premissas ontológicas mais fundamentais, e resulta na proposição de diferentes formas de abordar o assunto. Para ficarmos apenas nas fronteiras da própria sociologia, podemos identificar a relação entre sociologia e moral apresentada de diferentes formas: "sociologia da moral", "sociologia da ética", "sociologia moral". Cada uma dessas denominações contempla mais uma série de nuances, na medida em que propõe diferentes níveis de análise, relações com diferentes instâncias da vida coletiva, diferentes premissas teóricas e epistemológicas.

Do mesmo modo, a fronteira com as demais disciplinas que abordam o tema tem se mostrado ora mais ora menos permeável ao diálogo, algo que em grande medida se deve às especificidades da própria história da sociologia. A relação com a filosofia, por exemplo, foi marcada

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>

por uma forte tensão, uma vez que a sociologia – em particular aquela durkheimiana – surge como um projeto alternativo àquele da filosofia, recusando as pretensões metafísico-normativas desta, buscando impor-se como uma investigação propriamente científica sobre a moral. Se é verdade que muitas dessas disputas ficaram no passado, o restabelecimento de um diálogo realmente fértil entre essas áreas ainda está longe de ser satisfatório, ainda que diversos esforços bastante instigantes tenham sido feitos nesse sentido, como no caso dos trabalhos de Jürgen Habermas e Axel Honneth.

No caso das ciências biológicas, que há tempos vêm assumindo um importante protagonismo nas discussões sobre o tema, a tensão emergiu na década de 1950, em particular com o projeto de criação da Sociobiologia, que recusava a precedência da dimensão cultural na vida moral, e dirigia ataques frontais à sociologia e à antropologia. Isso fez com que essas áreas seguissem rumos completamente separados, até muito recentemente. Embora exista ainda um longo percurso a ser seguido (JEFFRIES *et al.*, 2006; WEISS e PERES, 2014), já podemos apreender diversos esforços que buscam integrar perspectivas sociológicas e biológicas, buscando superar a desconfiança mútua que marcou durante tanto tempo a relação entre essas áreas.

Tanto a pluralidade de perspectivas teóricas quanto o diálogo com diversas áreas do conhecimento – em particular com a filosofia, a antropologia, a psicologia, a psicanálise e as neurociências – é uma característica bastante evidente nos textos do presente dossiê. Desde o momento de sua concepção, procuramos contemplar autores de diferentes nacionalidades, diferentes perspectivas teóricas e, até mesmo, de diferentes gerações, com o intuito de trazer ao leitor uma amostra que, embora longe de representar toda a riqueza de trabalhos que vêm sendo realizados sobre o tema, possa ao menos informar sobre alguns dos principais debates vin-

culados a essa temática e, sobretudo, aguçar a curiosidade e despertar o interesse por esta antiga e nova área da sociologia.

O primeiro artigo é de autoria de Steven Hitlin, e tem como título “Os contornos e o entorno da Nova Sociologia da Moral”, e apresenta uma perspectiva original sobre a história do desenvolvimento da Sociologia da Moral, sublinhado seu potencial essencialmente interdisciplinar. Com esse texto, o leitor tem uma ideia bastante precisa sobre os diversos temas e movimentos que estão em jogo no processo de constituição da área a partir de uma perspectiva bastante abrangente. Ao mesmo tempo, o autor apresenta sua própria concepção a respeito da moral e do modo como acredita ser possível apreender esse fenômeno, que pensa a inter-relação necessária entre indivíduo e meio social, buscando compreender os processos que estão na gênese das concepções morais que pautam as ações individuais.

No artigo seguinte, Sociologia como uma Filosofia Prática e Moral (e vice versa), Frédéric Vandenberghe também apresenta uma reconstrução do campo, mas a partir de um enfoque que privilegia os processos internos de constituição e as consequências implicadas no diálogo incipiente com a filosofia. Portanto, Vandenberghe defende que não existe uma ruptura, mas uma continuidade entre as duas tradições, e uma sociologia da moral que realmente seja merecedora desse nome depende de uma vinculação inescapável com as matrizes filosóficas comprometidas com uma ideia de sabedoria prática, tal como na perspectiva aristotélica, e de uma razão prática, no sentido propriamente kantiano do termo. Com isso, o autor propõe que o projeto de sociologia recupere um vínculo que foi rompido no momento inicial de sua fundação, isto é, em vez de se estabelecer como uma área independente com relação à filosofia moral, a sociologia da moral deve buscar uma conciliação e uma continuidade com aquela.

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>

O terceiro texto, “Tradição e autenticidade em um mundo pós-convenicional: uma leitura durkheimiana”, escrito por Massimo Rosati e Raquel Weiss consiste em uma proposta de atualização do projeto de constituição de uma sociologia da moral formulado por Durkheim, a partir de problemas e categorias da sociologia contemporânea. O ponto central dessa proposta consiste em realizar uma aproximação entre a sociologia da moral e a sociologia da religião, com o intuito de pensar conceitos e categorias de análise que sirvam a uma dupla finalidade: fundamentar uma agenda de pesquisa na área e pensar as relações de tensão entre indivíduo e grupos sociais no contexto contemporâneo, marcado pelo fato do pluralismo religioso que é, ao mesmo tempo, um pluralismo axiológico.

O artigo seguinte, escrito por Joel Robbins, pode ser entendido como uma transição entre as discussões mais gerais e teóricas para discussões mais substantivas, e tem como título “Onde, no mundo, estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social”. O ponto central da discussão do autor é a investigação acerca da fonte a partir da qual os indivíduos encontram os valores que servem como parâmetro para suas condutas. Definindo os valores como aquela dimensão da vida prática identificada com o desejo de agir corretamente, o autor defende a importância da exemplaridade como uma das principais instâncias a partir das quais os indivíduos constroem seus parâmetros morais, o que seria uma forma alternativa às discussões tradicionais acerca do papel da cultura, entendida enquanto um sistema de valores compartilhados.

O artigo de Patrick Pharo, “Sociologia moral das dependências motivadas: o caso da dependência amorosa”, também traz o leitor para o universo das fronteiras disciplinares, mas, neste caso, as neurociências representam o vizinho mais próximo. O autor busca nas pesquisas realizadas nessa área diferentes elementos que permitam apreender os componentes propriamente fisiológicos envolvidos no comportamento dos atores e que exercem um impacto decisivo na conformação de suas ações

morais sem, contudo, negligenciar a dimensão propriamente social. Essa discussão mais geral ganha corpo com sua análise de um tema específico, qual seja, a dependência amorosa, investigada a partir de um material de natureza literária e fílmica, o que por si só estabelece uma interessante ponte entre sociologia, moral e arte.

O último texto do dossiê apresenta o texto de Hans Joas, “A secularização conduz à decadência moral?”, que consiste na versão brevemente modificada do segundo capítulo de seu livro *Glaube als Option*, dedicado a tematizar a relação entre fé e secularização no contexto contemporâneo. No artigo aqui traduzido o autor discute primordialmente os diversos preconceitos dos crentes em relação aos não-crentes, que consistiria no principal obstáculo a ser superado no contexto de uma sociedade pós-secular, isto é, uma sociedade pautada pelo comprometimento de articular diferentes tradições religiosas e instituições seculares de modo não conflitivo.

Por se tratar de uma tradução de um material já publicado, este foi o único a ser lido em sua versão integral por Massimo Rosati, e por essa razão gostaria de acrescentar aqui alguns trechos da análise que fez a respeito do livro de Joas, com ênfase no capítulo aqui traduzido, apresentada com grifos meus na citação:

A reflexão de Joas tem como ponto de partida os requisitos mínimos necessários ao diálogo entre crentes e não-crentes para, depois, apresentar uma definição pessoal de religião, uma análise da secularização e a interpretação de alguns temas particularmente decisivos entre religião e sociedade contemporâneas. O primeiro requisito está a cargo, por assim dizer, dos não-crentes, e consiste em rever o estabelecimento acrítico de uma equivalência entre modernização e secularização, que até pouco tempo aceitava como evidente a ideia de que quem hoje ainda crê seria ‘intelectualmente desonesto’. Segundo Joas, atualmente a hegemonia seria daqueles que já não pressupõem esse nexos, ou melhor, que compreendem a secularização de modo multiforme, ou melhor ainda, que olham as múltiplas formas assumidas pela modernidade

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>

Sociologias, Porto Alegre, ano 17, nº 39, mai/ago 2015, p. 16-24

e pela secularização, tendo aprendido a reconhecer na Europa secularizada uma exceção, que é ela própria plural em seu interior. O segundo requisito está a cargo dos crentes, e consiste na revisão crítica do preconceito segundo o qual sem uma base religiosa não é possível uma ação moral, de modo que a secularização – lá onde ela ocorre – traz necessariamente consigo a corrupção moral, tanto para os indivíduos quanto para a identidade coletiva. A resposta mais forte a este preconceito vem, segundo Joas, justamente das ciências sociais, as quais mostram tanto no nível ontogenético quanto no nível filogenético as regras morais fundamentais (como por exemplo a ação correta nos jogos) emergem da cooperação social, e que a reciprocidade é uma fonte da moral autônoma em relação à religião ou de outras autoridades educativas, de modo tal que não poder ser corrompida por processos de secularização (ROSATI, 2014).

Rosati concebeu comigo este dossiê desde o princípio, nos primeiros meses do ano de 2013, e dedicou-se à sua organização até o seu último momento. Entre novembro de 2013 e Janeiro de 2014 trabalhamos com grande intensidade nesse projeto, que deveria ser o primeiro de muitos, e que dava corpo à parceria recém consolidada entre nossos dois centros de pesquisa. Durante esse período, definimos o perfil que teria o dossiê, optando por “Sociologia e Moral” em vez de “Sociologia da Moral”, justamente para tornar mais amplo o leque de perspectivas abarcadas e trocamos muitas ideias acerca de quem convidaríamos para integrar o dossiê, levando em consideração nosso desejo de torná-lo o mais plural possível. Todo o processo foi vivido com grande intensidade. Tivemos o prazer de fazer contato com diversos colegas da área, os quais generosamente enviaram os artigos que o leitor agora tem em mãos, em um dossiê que, embora longe de ser exaustivo, visa trazer algumas das questões mais candentes do debate contemporâneo sobre a moral e os desafios de constituir uma abordagem sociológica sobre tal fenômeno. Esse trabalho foi todo realizado a quatro mãos, mas a mim coube a tarefa de escrever

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>

sozinha esta apresentação, pois Rosati nos deixou em 30 de Janeiro de 2014, devido a um mal súbito. Por toda sua importante contribuição às discussões sobre a moral, pelo belo exemplo de vida que nos deixou e por todo seu empenho na organização deste projeto, em comum acordo com os editores da Revista, dedicamos este dossiê à sua memória.

Raquel Weiss - é professora adjunta do departamento de Sociologia da UFRGS, e faz parte do NER - Núcleo de Estudos da Religião. Pesquisadora associada ao British Centre for Durkheimian Studies, da Oxford University e diretora do Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos. ✉ weiss.raquel@gmail.com

Referências

1. ABEND, Gabriel. Two Main Problems in the Sociology of Morality. **Theory and Society**. 37 (2), 2008, p. 87–125. doi:10.1007/s11186-007-9044-y.
2. BRITO, Simone Magalhães. Dossiê Sociologia e Antropologia da Moralidade - Apresentação. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 12 (36), 2013, p. 702–5.
3. FASSIN, Didier; LEZÉ, Samuel. **Moral Anthropology: A Critical Reader**. Routledge, 2013.
4. HITLIN, Steven; VAISEY, Stephen. **Handbook of the Sociology of Morality**. Springer, 2010.
5. JEFFRIES, Vincent. **The Palgrave Handbook of Altruism, Morality, and Social Solidarity: Formulating a Field of Study**. Palgrave Macmillan, 2014.
6. JEFFRIES, Vincent; JOHNSTON, Barry V.; NICHOLS, Lawrence T.; OLINER, Samuel P.; TIRYAKIAN, Edward; WEINSTEIN, Jay. Altruism and Social Solidarity: Envisioning a Field of Specialization. **The American Sociologist** 37 (3), 2006, p. 67–83.
7. PHARO, Patrick. **Morale et sociologie: le sens et les valeurs entre nature et culture**. Gallimard, 2004.
8. ROSATI, Massimo. Contingenza, Creatività, Auto-Trascendenza: Religione E Secolarizzazione. In: JOAS, Hans. **Reset**. 2014 <http://www.reset.it/blog/contingenza-creativita-auto-trascendenza-religione-e-secolarizzazione-in-hans-joas>.
9. WEISS, Raquel; PERES, Paulo. Beyond the Altruism-Egosim Dichotomy: A New Typology to Capture Morality as a Complex Phenomenon. In: JEFFRIES, Vincent (Ed.). **The Palgrave Handbook of Altruism, Morality, and Social Solidarity: Formulating a Field of Study**. New York: Palgrave Macmillan, 2014. P. 71–97.

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-017003901>